

Neste artigo, Cristiana Barreto Lisboa, sobrinha do petrolinense e líder político Osvaldo Coelho, relembra momentos históricos de Petrolina e faz uma homenagem ao saudoso Osvaldo, que completaria 90 anos no próximo dia 24 de agosto. Em comemoração ao legado deixado por ele, Cristiana descreve cenas marcantes que vivenciou ao lado do seu tio. Confiram:

Para ser grande, sê inteiro

A minha família é toda ela do Sertão. Tanto os meus ancestrais maternos quanto paternos tem as suas origens no Nordeste do Brasil. São mulheres e homens valentes, firmes e fortes. Filhos da Caatinga. Entre elas, almas grandes, cuja maioria não conheci: o meu tio avô, Nilo, Dona Josepha, e o Coronel Quelê. Figuras que só pude conhecer em histórias; embora em relatos que me parecem fazer jus às suas personalidades incandescentes.

Tive, ainda assim, a chance de conviver com duas personagens imprescindíveis do meu universo familiar. São elas, o meu avô José e o meu tio-avô, Osvaldo. Ambos eram homens transcendentais, na medida em que bastava conviver com eles brevemente para sentir a imensidão das suas almas. Eram pessoas que valorizavam, acima de tudo, três qualidades: a lealdade, a honestidade e a coragem.

Desde muito cedo compreenderam que o mundo era difícil, duro e seco, mas que a única maneira de vencer era enfrentá-lo inteirinho, do jeito que ele se apresentasse. Fugir ou desistir jamais seriam opções.

Como é que o poderiam ser?

Devido à escolha de vida, de eternos nômadas, dos meus pais, tive a chance de correr muito o mundo, e de conhecer muitas pessoas e lugares esplêndidos. Mas se há uma coisa que me enche de pena nessa vida de viagens, é termos morado sempre tão longe da nossa terra. A cidade de Petrolina consta nas minhas memórias mais antigas, mais remotas, mas sempre de um jeito longínquo e efêmero.

Tenho lembranças desfocadas de subir em árvores com os meus primos, provar jabuticaba, goiaba, macaxeira. Rondar pela casa dos meus avós e me perder nos vários quartos, acordar com um cheiro de beiju e de tapioca me enchendo o peito. Temer o cachorro brabo que guardava a casa à noite, e que o meu avô tanto adorava. Ficar perplexa com os quadros, com os móveis, com as histórias. Ouvir a minha avó acordar sempre tão cedo para ir à missa.

Ver o meu avô sentado na sua cadeira de balanço, falando alto ao telefone, às gargalhadas. Visitar a casa de tio Osvaldo, que ficava exatamente do lado. Brincar com as suas netas, comer e provar um pouco da alegria perpetua que se instalava no seu lar. Pensar que o único homem que havia de tão valente e íntegro quanto o meu avô, era sem dúvidas, tio Osvaldo.

Após o meu avô falecer, em 2007, as nossas idas a Petrolina (até então anuais) cessaram por completo. A minha mãe entrou numa tristeza profunda e desoladora. Parecia evidente que, sem as gargalhadas do meu avô, a casa - e a cidade inteira - ficariam vazias. Foi exatamente o que aconteceu. No meu coração, também se instalou um silêncio. Era a primeira pessoa próxima que perdia. Não conseguia lidar com a tristeza da minha mãe, nem engolir a ideia de que nunca, nunca mais poderia abraçar vovô. Lembrei-me da última vez que o tinha visto, em Salvador: ao despedir-se de mim, sorriu-me com ternura, pegou na minha mão e beijou-a. Fiquei durante anos salvaguardando essa memória, e repetindo-a várias vezes no meu gira-discos mental.

Em Agosto de 2015, oito anos depois, ocorreram duas coisas carregadas de simbologia. I- Regressei a Petrolina, entrando na casa dos meus avós por primeira vez após o falecimento de vó Zé Coelho II- Reencontrei o meu tio-avô Osvaldo.

É um eufemismo expressar a alegria que foi regressar à cidade e rever o meu tio-avô; fez-me coletar instantaneamente todos os pedaços de memória soltos. Como sempre, a sua bondade encheu-me rapidamente de lágrimas, pois a primeira coisa que ele quis deixar muito claro foi: "Ô mocinha, não fique pensando que você veio aqui a Petrolina e vai ficar sem avô, não... Eu nunca deixaria você desamparada. Fique sabendo que, desde que seu avô José partiu, o seu avô fiquei sendo eu!" Sorri, grata e com o coração apertado. Tio Osvaldo entendeu a gratidão e a perda, e senti que partilhámos, por um instante, a dor da partida do seu irmão. Vi nos seus olhos o breve passar de uma tristeza, mas que foi gradualmente sendo substituída por força e por aceitação.

Nos dias que se seguiram, regressei várias vezes à sua casa para conversar. Fui-me encantando cada vez mais com a grandeza do seu espírito. Houve um dia em que saí da casa da minha avó, andei até à de tio Osvaldo e surpreendi-o na sala, com um livro aberto. Quando entrei, sentei-me cuidadosamente ao seu lado. Ao ver-me, cumprimentou-me e perguntou se queria saber o que estava lendo. Acenei com a cabeça. Compreendi que era um poema, e que ele o iria declamar. Começou a fazê-lo, mas no meio comoveu-se, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Fez questão de as conter e de me ler tudo até ao fim: era o doloroso Navio Negroiro, de Castro Alves.

A sensibilidade do meu tio-avô foi ainda várias vezes reiterada, nos dias que se seguiram. Uma das ocasiões deu-se quando me pediu que o acompanhasse a uma série de palestras que tinha que dar em escolas humildes de cidadezinhas do interior. "Você vem comigo visitar as escolas. Quero você aqui amanhã de manhã, às seis horas em ponto. Agora vamos ver se a senhorita é pontual. " Quando cheguei, às 5:59, vi-o já todo cheio de energia. Aprovou a hora da minha chegada, afirmando que "assim é que se demonstra compromisso e caráter".

Quase de imediato, entramos no carro. Partimos para uma longa viagem Sertão dentro, passando em "cidadezinhas" como Rajada, Pau Ferro, Ponta Serra. Em todas, saltámos e nos dirigimos às escolas humildes. O meu tio-avô entrou nas várias das salas, e em todas fez um discurso diferente, mas sempre vindos do fundo d'alma. A sagacidade das suas palavras eram incríveis. Incitava os alunos a estudarem, a se esforçarem, e a nunca

desistirem do que pretendiam. Talvez a parte que mais me emocionou foi quando referiu:

"Quero dizer uma coisa muito importante, que é dirigida especialmente às meninas presentes nesta sala. Eu quero dizer a vocês, que vivemos numa sociedade muito diferente daquela que era a minha. E vocês tem que aproveitar essas conquistas. Eu quero pedir a vocês que façam algo de muito, muito importante. Eu quero que vocês se dediquem a vocês mesmas. Que trabalhem para vocês. Eu não sou contra namorados, contra maridos... Mas eu acho que já se tornou muito evidente que o mais importante é vocês construirem as suas próprias vidas. Namorados e maridos fogem, traem, desaparecem.... Se vocês se comprometem mais com eles do que com vocês mesmas, na hora que eles abandonarem, vocês ficam sem nada. É fundamental que vocês estudem e criem a carreira de vocês e não sejam forçadas a depender deles. Vocês não têm que depender deles. Vocês têm que se construir a si próprias."

Fiquei abismada ao constatar que esse homem idoso, conservador, estava dizendo palavras tão acertadas, tão libertadoras a essas meninas. Só tio Osvaldo, com 84 anos, faria isso. A importância da força, da integridade e da determinação para ele era imensa. A sabedoria que cultivava era impressionante, e era sempre suscetível a essas sensibilidades, onde quer que estivesse.

Ao sairmos das escolas, tio Oswaldo me perguntou se queria visitar a casa de minha bisavó. Como referi anteriormente, apenas a tinha conhecido através de histórias. Imediatamente, dirigimo-nos ao carro, que fez um caminho longo até um lugar chamado Santa Fé. (Note-se que só terminamos as palestras muito tarde; era fim de dia e já todos estávamos muito cansados - exceto, aparentemente, tio Osvaldo. Com uma energia inacreditável, pese à sua mobilidade reduzida à cadeira de rodas, problemas de saúde e 84 anos. Não-surpreendentemente, chamou-nos a todos de preguiçosos, pois ainda tinha muitos planos para o nosso fim de dia!).

Quando chegamos a Santa Fé, o motorista estacionou perto de uma pequena igreja. Saltamos e entramos num local muito humilde, onde cerca de quarenta pessoas rezavam. Antes de iniciar a missa, o padre cumprimentou o meu tio-avô, reiterando o feliz que era vê-lo novamente na terra da sua mãe. Tio Osvaldo sorriu. Após a cerimônia, percorremos mais um pouco, até nos aproximarmos duma casa sem nada à volta, no meio do deserto. Era uma casinha precária de barro, muitíssimo fragilizada, onde pareciam caber (no máximo) cinco pessoas.

Entrei e explorei-a por dentro: pensei ser uma brincadeira, era impossível ser -essa- a famosa casa da minha bisavó. Não parecia sequer plausível a ideia de que alguém, alguma vez, tivesse vivido ali. "Viu como ela é pequena? Como ela é humilde? Eu acho muito importante, de vez em quando, vir aqui. E trazer vocês, membros jovens da família. Vocês não podem se esquecer de onde viemos... Se algum dia a arrogância, o orgulho ou a prepotência subir às suas cabeças... Lembrem-se de onde viemos. Lembrem-se da casa de Dona Josepha. Nós nunca podemos abandonar ou esquecer as nossas origens".

Pasmada, tentei interiorizar tudo o que ele dizia com o máximo de cuidado. A experiência tinha sido completamente surreal. Quando voltamos para Petrolina, entramos na casa de Tio Osvaldo. Ele me trouxe um livro quase de imediato. "Filha, eu quero te dar um livro da nossa família. É a história do meu pai, o Coronel Quelê. Eu acho - aliás, tenho certeza - de que você vai gostar". Eu aceitei o presente e, eventualmente, voltei para a casa dos meus avós, onde estava ficando hospedada. Quando sentei na cama e abri a primeira página do livro, vi que tinha uma dedicatória.

"Para a neta Kika mergulhar nas suas origens. Uma benção do vô Osvaldo. 14/08/15". Comovi-me imensamente.

Antes de partir de Petrolina, ainda retornei duas vezes à casa do meu tio-avô. Uma delas foi porque me pediu para conversarmos sobre política internacional. Queria saber o que pensava da crise dos refugiados na Europa, das eleições norte-americanas... Conversamos longamente sobre vários assuntos e vários tópicos de grande interesse. Mas foi da segunda (e última) vez que retornei, que tio Osvaldo me fez um pedido:

"Minha filha... Já vi que você é inteligente, como a sua mãe, e soube que você escreve. Eu queria saber se você vai escrever alguma coisa sobre o seu retorno a Petrolina. Eu acho que você deveria... Quando o fizer, eu vou querer ler tudinho. Vou querer que você me mande. Vou ficar aguardando o seu texto".

"Claro, vô Osvaldo. Eu quero muito fazê-lo. Eu prometo."

Com essas palavras, comprometi-me a contar algumas destas histórias. Relatar o meu retorno à terra dos meus ancestrais, as várias noites quentes que passei conversando com a minha avó Livia Clea, rindo, dando-lhe a mão e contando-lhe histórias sobre a minha vida em Portugal. Os momentos que partilhei com tia Patrícia, filha de vô Osvaldo, das mulheres mais incríveis, fortes e maravilhosas que alguma vez conheci. Passeando e jantando na cuzcuzeira com Marly, mais uma mulher extraordinária, que cuidou de mim enquanto lá estava. As conversas com Luciano Peixinho, artista e sábio nordestino, com uma alma igualmente enorme, que me levou às margens do rio São Francisco enquanto discutíamos Drummond.

Os passeios com o meu tio Duca, amigo do peito da minha mãe, que me levou a Juazeiro e à Universidade do Vale de São Francisco. As minhas visitas a tio Augusto, tio Rafael, tia Erika, tia Genoveva, tio Geraldo: aquele sufflê de goiabada com queijo, que encantou perpetuamente o meu paladar. Foram inúmeras as personagens que conheci, e cuja presença tinha que, por escrito, registrar. Só as palavras sobrevivem ao tempo, e o exercício de combate ao esquecimento proporciona um alívio existencial. Tio Osvaldo sabia disso.

Quem também sabia disso era Roque, um artesão carranqueiro pernambucano, que conheci enquanto estive lá. Ele pediu-me, muito sério, que nunca esquecesse que a arte era uma forma de espantar todos os males. Era também - dizia ele - uma forma de combater o tempo, preservar algo e torná-lo eterno.

Por todos estes motivos foi que, ao regressar a Lisboa, iniciei vários destes processos de escrita. Queria ter tudo polido e cristalizado na minha mente. Na minha memória. Ora, por causa dos estudos universitários e de outras vicissitudes, tive temporariamente de parar... Passaram-se alguns meses. Chegou primeiro de Novembro, o dia do meu aniversário. Tive uma festa com vários amigos em que comemos bolo rolo, cuscuz, tapioca - justamente em homenagem à minha estadia em Pernambuco uns meses antes. O dia foi todo bem passado; até que recebi, num fim da tarde, um telefonema. Reconheci quase de instantâneo uma melancolia na voz de minha mãe, semelhante a tristeza de oito anos antes... Balbuciou, emocionada, que tio Osvaldo tinha acabado de falecer.

Ao digerir as suas palavras, invadiu-me uma angústia muito grande. Regressaram, nesse instante, várias memórias do luto sentido por meu avô Zé Coelho. Lembrei-me de um vídeo que tinha assistido uns meses antes, onde tio Osvaldo falava do falecimento do irmão. Dizia que tinha partido um homem grande, que todo o Sertão iria sentir a sua falta. Pois hoje, todo o Sertão sente a falta de Osvaldo.

Não me perdoaria se não escrevesse finalmente estas palavras. Não me perdoaria se não tivesse voltado um dia a Petrolina. A terra onde nasceram homens de almas imensas, de lugares ensolarados. Que deixam como legado a coragem e a força. A melhor homenagem que lhes fazemos é nunca desistir. Preservar a sua herança.

Uma das grandes herdeiras desses valores de força, determinação e coragem, é a minha mãe Livia. Quando vivíamos nos Estados Unidos, em crianças, a frase que mais me lembro de ouvir da sua boca sempre que a minha irmã e eu caíamos ou nos machucávamos era: "Don't you ever, ever, ever give up! Never give up!" Para recordá-los, importa do mesmo modo, aludir a um poema de Ricardo Reis. Aquele que os encarna a ambos, e que diz:

"Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa.

Põe quanto és.

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua

toda Brilha, porque alta vive."

Cristiana Barreto Lisboa